



DIRECTOR  
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

DE SANTA  
RITA

# O SECULO

## AQUELES OITO BOTÕES...

POR LAURA CHAVES DESENHOS DE CASTANÉ

**A**QUELES sete botões, reles, puidos, cansados, seguravam uns calções velhinhos, esfarrapados.

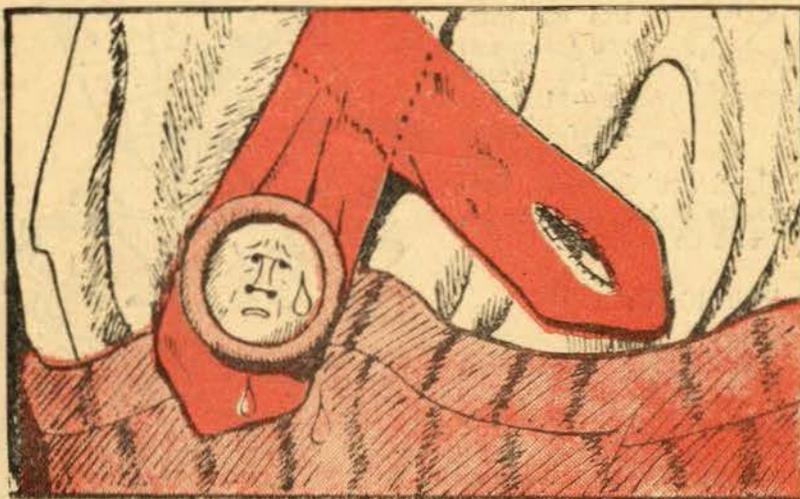
O seu dono era um garoto que tinha perdido os pais e andava descalço e rôto na rua a vender jornais.

Com uma fita cruzada fizera «os seus suspensórios» e dizia por piada não os haver mais finórios. Esta fita e os botões, sem nunca terem sueto seguravam os calções do garoto irrequieto. Os botões eram só sete, porém, casas eram oito.

Mas um de maior topête

que no trabalho era afoito, passava uma triste vida, sempre em esforço duplicado porque a fita — essa atrevida — o trazia derreado.

Dava-lhe cada puxão!... Faltava-lhe companheiro e o desgraçado botão transpirava o dia inteiro. Pensava, assim, conformado: 'Inda hei-de ter a alegria de ver mudar o meu fado, de eu ter também companhia. Uma dúvida me assalta, me torna meditando, dizer-se que há tanta falta de botões cá neste mundo! Aqueles que aqui trabalham tão cansados como estão, se um dia morrem, se falham, isto tudo vai ao chão!



Um é cego, outro, com frio, treme, treme, enregelado. Um outro está por um fio e há já um, todo quebrado. O que era preto está verde, um que é de osso está na espinha. Afinal tudo se perde nesta vida tão mesquinha. Fracos, velhos e doentes, — vejam lá que valor tem! de raças tão diferentes, como trabalhamos bem!



# Uma diabrura de Silvano

Ao pequenino Silvano para que ele, mais tarde, evoque uma das suas muitas diabruras.

**S**ILVANO é um esperto e irrequieto diabrete de quatro anos de idade. O seu maior prazer consiste nas diabruras com que, de vez em quando, mimoseia a pobre Suzy, sua irmãzinha mais nova do que ele um ano.

Um dia, pé ante pé, Silvano foi muito mansamente ao quarto dos brinquedos de Suzy e tirou de lá um lindo coelhinho de veludo cinzento e oíhitos vermelhos, que ela havia recebido como presente de Natal.

Com ele debaixo do braço, foi para o jardim. Aí, com a mão esquerda, segurou-o pelas patas trazeiras, enquanto, com a direita, lhe aplicava um violento sôco nas orelhitas.

— «Pronto; está morto!» exclamou. Faltava tirar-lhe as tripas... Com uma tesoura começou a abrir-lhe a barriga e logo o algodão, que o enchia, se espalhou a seus pés.

Entretanto, aparece Suzy que, ao deparar os despojos do seu querido coelhinho, se põe a chorar. Ouvindo o seu choro, surge o pai que, compreendendo o motivo da sua aflição, repreende severamente Silvano por haver estragado o lindo coelhinho da Suzy.

Então, Silvano, com as lágrimas nos olhos mas contendo-as, exclama para o pai:

— «Papá, vem comigo...» E enquanto dizia isto, puxava por uma das suas mãos, encaminhando-o para a cozinha onde a Arminda, a



cozinheira, esfolava um coelho para o jantar.

Chegado lá, Silvano entre soluços, e já com as lágrimas a saltarem dos olhos, prossegue para seu pai:

— «Tu, por certo, não queres mais à Arminda do que a mim, pois não? Nesse caso, anda... ralha-lhe também.»

*Acilegra*

## DESTINOS

por GRACIETTE BRANCO

NO

Próximo  
número

Chamamos a atenção dos nossos pequeninos leitores para a novela infantil que, no próximo número, começaremos a publicar, e que, certamente, despertará grande interesse por ser da autoria de D. Graciette Branco.

## MONTANHA MARAVILHOSA

É o título da linda novela infantil, que ROSA SILVESTRE escreveu, expressamente, para os pequeninos, e que «Editorial-Século» pôs à venda, com magníficas ilustrações de Roberto de Araujo, ao preço de 5 ESCUDOS cada volume.

**Meninos: — Atenção!...**

# O ladrão dos ninhos

## e o saltarico

Por ANÃO SABICHÃO  
Desenhos de A. Castañé

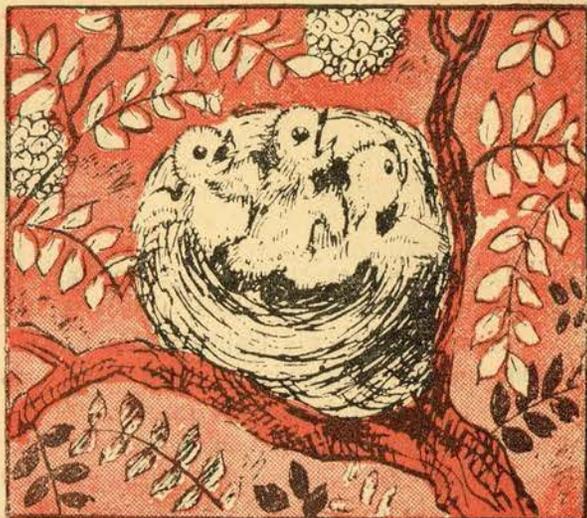
**U**M dia destes, ia eu sentar-me, à sombra duma bela árvore, quando senti um barulho nos ramos.

Olhei para cima e dei com um garoto, empoleirado no cimo.

— Aposto que vais aos ninhos, pedaço de mariola? — gritei-lhe, cheio de indignação.

O rapaz parou atrapalhado e, como não percebesse donde vinha a voz que lhe falava, tomou-se de medo, desceu, rapidamente, e dispunha-se a fugir.

Vai eu, tornei-lhe:



— Para aí! Ouve lá! Não é nenhum papão! Sou eu, o Anão Sabichão.

— O quê? Aquele que veio a Lisboa, de propósito, para conversar com os leitoresinhos do *Século*? — perguntou, interessado.

Esse, em pessoa! E, aqui onde me vês, sou uma espécie de confessôr! Todos os rapazinhos têm de ser muito verdadeiros comigo, porque se eles não se confessam, com a minha arte de bruxo, sou eu que os adivinho. Anda, dize lá, ias aos ninhos, hein?

— Sim, senhor Anão! Há, lá em riba, um tão jeitozinho! Tem três melrinhos, mesmo de encantar!

— Para que queres tu os melros pequenos? Não sabes que eles morrem, sem os pais?

— Não, que eu tratava-os bem! Já lá tinha uma gaiola para os meter e dava-lhes alpista.

— Olha lá, e tu gostavas que te roubassem ao teu pai



# SER PORTUGUÊS

(DIALOGO)

Por Augusto de Santa Rita — Desenhos de A. Castañé

— «Mamã, que é ser português?»  
preguntava, certa vez,  
o pequenino José.

Responde a Mãi: — «O que é  
ser português, filho meu?  
Ai, vamos a ver se o teu  
entendimento, inda a abrir,  
conseguirá atingir  
o que esta expressão singela,  
encerra lá dentro dela,  
de graça nobre, impoluta.  
Que é ser português? Escuta:

E' ser-se de Portugal...  
Ter a dita, sem igual,  
de haver nascido na Terra  
que mais encantos encerra,  
que maior beleza tem.»

— «E' isso só, minha Mãi?»

— «Não, meu filho, é mais ainda,  
é ter uma alma linda,  
num corpo perfeito e são.

Ter dentro do coração  
ora ansiedade ora calma;



é ter brandura na alma  
e muito vigôr no braço!

Olhar, através do Espaço,  
cada estrelinha que brilha  
e saber ler na Cartilha

dessa Amplidão sideral,  
em caracteres de luz,  
o nome de Portugal  
e tudo o que êle traduz!,,

■ F I M ■

e à tua mãe e que te metessem também numa  
gaiola?

— Isso não, está bem de vêr! Mas é que eu  
queria-os para brincar! São tão engraçadinhos!

Fez, então, uma carinha muito triste e acres-  
centou:

— Que eu cá não tenho «bonitos»!...

— O quê? Nem um pião?!

— A mãe diz que o dinheiro só chega para a  
mercearia... — explicou, tristonho.

— Pois bem, — volvi eu — se me prometes que  
nunca mais serás ladrão de ninhos, que é uma  
acção muito feia, — tão feia que só rapazinhas  
sem coração procedem assim! — eu vou-te fazer  
um brinquêdo. Queres?

— Se quero! — exclamou o pequeno com os  
olhos a brilharem de satisfação.

Mostrei-lhe, então, uma noz que levava no meu  
farnel e disse-lhe:

— Pois, desta noz, vou-te arranjar um saltarico.

— Um saltarico? O que é? inquiriu o garôto  
espantado.

— Espera um bocadinho! Já vais ver como  
êste Anão, levado da breca, consegue divertir um

rapazinho com meia casca de noz. Depois me di-  
rás se o nome de Saltarico não lhe vai mesmo a  
matar!

¡Enquanto êle seguia os meus movimentos  
che o de curiosidade, eu partia a noz com muito  
cuidado, para que a casca se dividisse em duas,  
sem ficar quebrada.

— Come lá o miôlo e dá-me o resto.

E o garôto assim fez.

Depois, êle foi trincando satisfeito e eu conti-  
nuei o meu trabalho.

Com um alfinete em braza, que passei por um  
fósforo acêso, fiz um buraquinho numa das meias  
cascas.

Enfiei, nêsses buracos, uma linha ensebada, no  
meio delas coloquei um pauzinho, o qual, tor-  
cendo as linhas, formou uma mola. E' a isto que  
se chama torniquête. Desenrolei, então, ràpida-  
mente, a linha, dizendo:

— Dona noz,  
catrapoz,  
corre veloz!

Não lhes digo mais nada!...



## SECÇÃO QUINZENAL PARA MENINAS

**A** FINAL não é ainda hoje que venho ocupar-me dos vários pontos de costura mas sim trazer-vos mais um modelo de «parure» de boneca — a cinta — que as minhas lindas abelhinhas vão executar a «ponto pé de flôr». Não preciso explicar-vos como é se faz, pois o desenho mostra bem a sua execução. Esta peça corta-se muito facilmente; é uma simples tira, um pouco arredondada na parte de cima e com as duas pontas terminando em bico. A cada um destes bicos prega-se uma fita de nastro que vem dar um laço à frente, depois da cinta vestida. A casa que se lhe abre, é, como vêem, para dar passagem à outra ponta. Com pouco trabalho tereis mais esta peça do enxoval do «Bébé», que assim vestido com ela, há-de ficar muito engraçado!

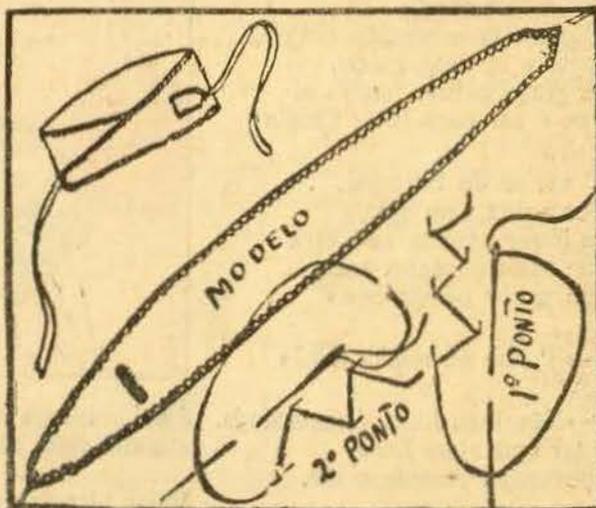
O tecido mais próprio para a cinta é o *piquet*, mas também não fica mal em pano branco.

Nem sempre podemos fazer as coisas como queremos; temos muitas vezes de nos contentar com o que está ao nosso alcance.

Mas estou convencida de que se pedirem á vossa querida Mãezinha para rebuscar bem os retalhinhos que Ela guardou dos vossos fatinhos do verão, lá encontrarão o *piquet* desejado.

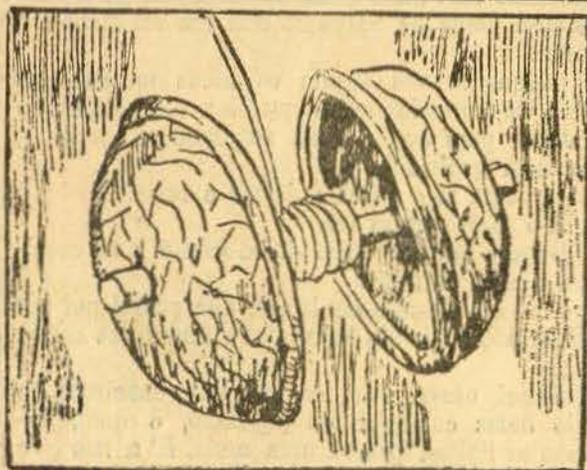
E depois é tão pouco!

A cor do bordado deixa á vossa fantasia, no



entanto, aconselho-vos que, para bonecas, um pontinho de cor sempre torna o traje mais garrido! Abraças a todas a

ABELHA MESTRA



sem parar,  
a saltar,  
Dona noz,  
catrapoz,  
aos pulinhos,  
aos saltinhos,  
ia e vinha,  
já sem linha!

O rapaz ria divertidíssimo! E o que eu sei é que nunca mais largou o bonito!

Dá a pouco, todos os garotos, ali da rua, tinham aprendido a fazer saltaricos e tão distraídos passavam o tempo que nunca mais se lembraram de subir às árvores para roubar ninhos.

Os meninos que me leem, bem mais felizes que os garotinhos da rua, certamente possuem uma infinidade de bonecagem, mas, se alguma vez quiserem mais um, aí lhes fica a receita, contanto que não se esqueçam de recomendar sempre ao Saltarico:

Dona noz,  
catrapoz,  
corre veloz!

E eis aqui o que, por hoje, vos ensinou, com perfeição o

Anão Sabichão

■ FIM ■

# CHARADAS COMBINADAS

+ gar — aventurar    + na — proprietária  
+ trir — rincar    + o — curso de água  
+ ga — reptil    + ga — reptil  
Conceito: povo da Grécia    Conceito: povo da Grécia

+ te — Ponto cardinal    + ga — Réptil  
+ que — Jardim    + mos — Universo  
+ ba — habitação dos índios    Conceito: povo da Itália  
+ nos — forma do pronome «nós»  
Conceito: povo da Grécia

+ la — fila  
+ ca — geração  
+ ta — quadrúpede  
Conceito: povo do norte da África

# A DIVINHA



Esta menina tem um cãozinho. Vejam se o descobrem.

# CHARADAS EM FRASE

Este homem cantando a *Cancão da Severa*, toma um aspecto *reles*, 1-2.

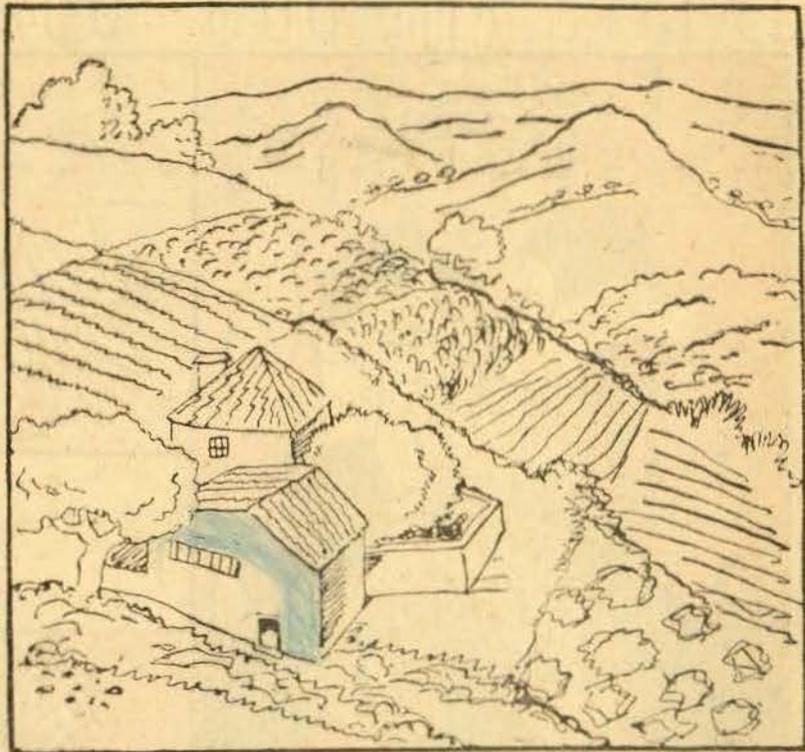
Este bicho maior e sem vista lembra um insecto nocturno 1-2.

A atmosfera desta provincia portuguesa tem a macieira duma branca pele 1-2.

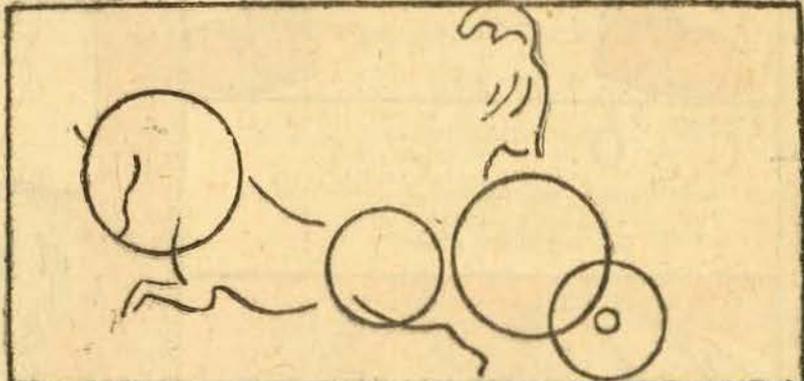
Alguma coisa oferecem sempre os vendedores d'este tecido 2-1.

**Solução das anteriores:** 1, Tulipa; 2, Bochecha; 3, Avelã; 4, Costela; 5, Fula-pipa. 1, Jornalista; 2, Boticário; 3, Pimpão.

# PARA OS MENINOS COLORIREM



# LIÇÃO DE DESENHO



Como se desenha uma quádriga

# TRISTE FIM DUM «GUARDA-RÊDE»



I — O grande futebolista Matias Sá Crista Galo era a jogar um artista, um guarda rede de estalo. Chegava a ser para a vista um verdadeiro regalo.



II — Sua vida desportiva cheia de prémios, então, fôra tão bela e activa que o tornara um campeão, na constante roda viva da sua bola no chão.



III — Ninguém, do seu fixe grupo, assim defendia a bola. Um dia, um tal John Lupo, de amarela camisola, venceu-o e, num grande apupo, Matias foi-se à viola.

IV — «Que fazer?!...» Azabumbado, mas, logo, mais animado, com suas economias, resolve pôr um mercado de melões e melancias.



V — E assim consegue alcançar prémio de consolação, pois cada vez que ergue ao ar as melancias na mão, Matias tem a ilusão de estar ainda a jogar!